

Agricultura e alimentação na China em tempos de coronavírus: lições para o Brasil

Fabiano Escher – escher_fab@hotmail.com

Departamento de Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade,
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (DDAS/UFRRJ).

O Brasil tem muito que aprender com a China sobre como lidar com os desafios sanitários, econômicos e agroalimentares da crise mundial desencadeada pela atual pandemia de coronavírus (COVID-19). Ao contrário do que se poderia imaginar pelo comentário do deputado Eduardo Bolsonaro, qualificado pelo cônsul-geral chinês, Li Yang, como “ingênuo e ignorante”, e também do ministro da educação, Abraham Weintraub, qualificado como “racista”.¹

Em 30 de dezembro de 2019 foi noticiado o surto do novo coronavírus na cidade chinesa de Wuhan. Após um breve período inicial de negação, censura e busca de bodes expiatórios (o primeiro caso teria ocorrido ainda no final de novembro), as lideranças do Governo e do Partido Comunista Chinês (PCC) tomaram medidas drásticas e decisivas para conter o avanço do vírus quando ainda havia menos de 600 casos notificados. Wuhan foi totalmente fechada. E o resto do país adotou medidas de ‘isolamento horizontal’ com quarentena, controles de fronteiras e de movimento em aeroportos, estações de trem e outros meios de transporte, proibições ao retorno dos estudantes às escolas e dos trabalhadores migrantes às empresas depois do Festival da Primavera e medição da temperatura das pessoas em qualquer entrada. Em 6 de abril de 2020 a China conta com 81,718 infectados, entre eles 3,331 mortos, 77,078 recuperados e 1,299 pacientes ativos. Mas a média abaixo de 50 novos casos por dia desde 7 de março parece indicar o êxito da China no combate ao coronavírus. *O relatório da Missão Conjunta OMS-China afirmou que o país lançou o “esforço mais ambicioso, ágil e agressivo de contenção de doenças da história”, fenômeno que só está sendo possível graças ao papel central desempenhado pelo Estado chinês e à sua notável capacidade de “gestão planejada do imprevisível”.²*

Questões relacionadas à agricultura e à alimentação naturalmente possuem uma enorme importância nessa conjuntura excepcional. Algumas fontes apontam a origem da atual pandemia no mercado público (de alimentos frescos como frutas, legumes e verduras, ovos, porco, frango e frutos do mar) de Wuhan, dentro do qual havia um mercado de animais selvagens (acredita-se que pangolins comercializados ‘semi-legalmente’ possam ter sido os vetores iniciais da zoonose). Mas a maioria dos mercados públicos não vende animais selvagens. Esses mercados, que podem ser operados pelos próprios agricultores ou por feirantes que compram dos mesmos atacadistas que os supermercados, são a pedra angular do sistema de distribuição de alimentos da China e têm benefícios tangíveis para a sociedade, como o oferecimento de alimentos mais saudáveis e nutritivos do que os supermercados, que privilegiam a venda de produtos ultraprocessados, além de ser o ganha-pão de muitos trabalhadores migrantes rurais. *Assim, os mercados públicos foram fechados para desinfecção e posteriormente reabertos, mas proibindo o comércio de animais selvagens.* O nível de preços dos alimentos ao consumidor na China subiu de 0,7% em fevereiro de 2019 para 21,9% em fevereiro de 2020. O nível de preços da carne suína, em particular, atingiu 135,2%, aumentando mês a mês ao longo do último ano³, num contexto em que eventuais restrições de transporte por conta do coronavírus se somam aos efeitos da peste suína africana, que dizimou mais da metade do plantel no país (escasseando a oferta), e da guerra comercial, que reduziu muito a importação de soja (matéria prima da ração para os porcos) dos Estados Unidos, em grande parte substituída pela soja do Brasil (que arrisca perder parte desse mercado⁴). A elevação do desemprego e a diminuição do poder de compra têm contraído o consumo e alterado os hábitos alimentares urbanos, reduzindo as visitas aos supermercados e aumentando as entregas via aplicativos de *e-commerce*. Os camponeses e agricultores chineses têm igualmente sofrido os impactos das dificuldades logísticas para acessar insumos e rações e vender seus produtos nos mercados – o que afeta negativamente a produção agropecuária e a renda rural.

Contudo, desde o início do ano o Estado, através de um sistema de coordenação central, responsabilidade provincial e implementação local, tem emitido diretrizes claras de política pública e estabelecido ações efetivas para mitigar efeitos negativos e recuperar a economia

articuladas com medidas de prevenção e controle do coronavírus, reafirmando o propósito de ‘erradicar a pobreza’ até o final do ano e ‘construir uma sociedade moderadamente próspera’ nas próximas décadas. Dentro do pacote anunciado de Y\$ 1,2 trilhão na economia estão inclusos pagamentos de seguro-desemprego e expansão da rede de seguridade social para os trabalhadores e suspensão temporária das contribuições fiscais para as empresas. Ressalto a seguir as principais medidas anunciadas pelo Ministério da Agricultura e Assuntos Rurais (MARA): elaborar planos de emergência regionais detalhados, utilizando tecnologias de informação para coordenar o abastecimento e a distribuição, com apoio de empresas e cooperativas rurais; priorização das aquisições públicas de alimentos dos agricultores pobres para escolas, hospitais, empresas e outras instituições; desbloquear e facilitar a logística de transporte, comunicação e estoques para assegurar o funcionamento de canais que vão de feiras a supermercados, passando cada vez mais fortemente pelo *e-commerce*; concessão de créditos e subsídios para empresas que não somente não demitam, mas que também recrutem mais trabalhadores pobres (sobretudo migrantes rurais); viabilizar a distribuição gratuita de máscaras e garantir o transporte seguro dos trabalhadores; e criar ocupações rurais não agrícolas na construção de estradas e infraestruturas, melhoramento de solos e pastagens, conservação da água e melhoria da aparência das aldeias.⁵

A experiência da China ensina várias lições para o Brasil, dentre as quais destaco três. Em primeiro lugar, não faz sentido opor os objetivos de preservação da vida e da saúde da população e de sustentação da renda e do emprego na economia – como fazem Bolsonaro e seus seguidores –, pois ambos são complementares e indissociáveis. O primeiro caso de infecção pelo COVID-19 no Brasil é de 25 de fevereiro de 2020, e em 6 de abril já contamos com 11,450 casos, entre eles 491 mortos, 127 recuperados e 10,832 pacientes ativos, com previsões de pelo menos 44 mil mortes mesmo que as orientações da OMS sejam corretamente seguidas.⁶ O mais importante para recuperar a economia e o emprego é preservar a vida dos trabalhadores e da população em geral, gastando e investindo os recursos necessários para garantir-lhes renda e condições dignas pelo menos até que a crise arrefeça. Segundo, para que isso seja possível, é central a retomada do papel do estado e sua capacidade de planejamento. Mesmo economistas liberais, como Armínio Fraga, Mônica de Bolle e Pêrsio Arida, para lembrar nomes de apenas alguns dos brasileiros mais destacados, já apareceram na mídia mandando às favas a hoje ultrapassada cantilena de austeridade e livre mercado e clamando a urgência do estado tomar medidas ativas para enfrentar a situação. Na crise, todos são Keynesianos! Por fim, diversos movimentos sociais, sindicatos, cientistas e atores da sociedade civil⁷ tem reiterado a importância crucial do apoio à agricultura familiar e camponesa como estratégia para o desenvolvimento rural e a segurança alimentar e nutricional de todo o povo brasileiro, através, entre outras medidas, da rearticulação do Programa de Aquisição de Alimentos (PAA) e do Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE).

¹ <https://veja.abril.com.br/blog/noblat/valorize-as-relacoes-china-brasil-deputado-eduardo-por-li-yang/>;

<https://exame.abril.com.br/brasil/weintraub-ironiza-china-e-embaixada-diz-que-ministro-foi-racista/>

² <https://www.cartamaior.com.br/?/Editoria/Pelo-Mundo/A-China-e-a-pandemia-do-Covid-19-das-medidas-de-contencao-a-estrategia-global/6/46992>

³ <https://tradingeconomics.com/china/food-inflation>

⁴ <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/nelsondesa/2020/04/china-anuncia-que-vai-comprar-soja-dos-eua-por-seguranca.shtml>

⁵ <http://english.agri.gov.cn/>

⁶ <https://portaldisparada.com.br/economia-e-subdesenvolvimento/brasil-44-mil-mortes-coronavirus/>

⁷ <http://alimentacaosaudavel.org.br/garantir-o-direito-a-alimentacao-e-combater-a-fome-em-tempos-de-coronavirus/6243/>; <https://www.asnabgo.org.br/noticias/item/798-em-carta-a-sociedade-asnab-defende-politicas-publicas-de-abastecimento-alimentar>; <http://www.ufrgs.br/pgdr/news/noticias/agricultura-familiar-abastecimento-e-alimentacao-em-tempos-de-pandemia-manifestacao-do-gepad-ufrgs>



Fonte: <https://radiichina.com/wet-markets-wild-animals-china/>